

A (DES) CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NAS FICÇÕES ANGOLANA E MOÇAMBICANA

Alex Santana França¹

Resumo: Pretende-se neste trabalho propor uma discussão sobre a questão da masculinidade nas literaturas africanas de língua oficial portuguesa. O escritor moçambicano Mia Couto, por exemplo, possibilita esse debate através de alguns textos de sua autoria. Historicamente, a definição de masculino se dá em oposição ao feminino, isto é, o que é do masculino é concebido como aquilo tudo que não pode ser do feminino. Através de ritos, regras e limites, instituições sociais, como a família, a escola, a comunidade, determinam comportamentos diferentes para homem e mulher. Entretanto, a partir dos movimentos de liberação de minorias, como o feminista, estudos e pesquisas sobre sexualidade se multiplicaram. Consequentemente, com esses movimentos, o masculino, baseado nesse modelo de oposição, sofre abalos na sua estrutura e isso merece ser investigado.

Palavras-chave: Conto angolano. Romance moçambicano. Estudos Culturais. Masculinidade. Sexualidade.

Nos últimos anos, a masculinidade tem se tornado um dos temas favoritos dos Estudos Culturais, o que tem confirmado a existência de uma verdadeira crise no homem contemporâneo. Historicamente, a definição de masculino se dá em oposição ao feminino, isto é, o que é do masculino é concebido como aquilo tudo que não pode ser do feminino. Através de ritos, regras e limites, instituições sociais, como a família, a escola e a comunidade, determinam comportamentos diferentes para homem e mulher. Entretanto, a partir dos movimentos de liberação de minorias, como o feminista, estudos e pesquisas sobre sexualidade se multiplicaram. Consequentemente, com esses movimentos, o masculino, baseado nesse modelo de oposição, sofre abalos na sua estrutura.

Ao analisar a questão da identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall acredita que o final do século XX introduziu uma discussão acerca de uma possível crise de identidade do sujeito em face de uma mudança estrutural que fragmenta e desloca as identidades culturais de classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade. Ele afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas

¹Professor, pesquisador e escritor, graduado em Letras (UFBA), Especialista em Metodologia do Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Indígena (FACE), Mestre e Doutorando em Literatura e Cultura (UFBA). E-mail: alexfranca@yahoo.com.br

identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 07), partindo do pressuposto de que as identidades estão sendo descentradas, deslocadas e fragmentadas gerando identidades híbridas. O homem, assim, estaria sendo colocado em xeque porque estaria perdendo a noção de sua própria identidade, passando a buscar uma melhor descrição de si.

A preocupação com uma possível feminilização por parte de alguns homens fizeram com que investissem e construíssem para si uma série de papéis e traços representativos da sua condição masculina, como a ênfase na forma física (a musculatura, os contornos do corpo masculino, o vigor físico, etc.) e nas qualidades psicológicas (a agilidade, a coragem, a distinção e a bravura). Quando uma criança nasce e é definido seu gênero a partir do órgão genital, nela será investido, se for menino, tudo que esteja associado à masculinidade, desde cores e modelos de roupas; que ao crescer, ele escolha atividades associadas à força física e à violência e busque, na juventude, realizar seus desejos sexuais com o maior número possível de mulheres, para assim ascender a um grau invejável de masculinidade. Os homens, assim como as mulheres, devem restringir-se ao seu papel social de acordo com a sua identidade biológica, de macho e fêmea, e, por conseguinte, sua escolha afetiva e sexual deve voltar-se para o sexo oposto ao seu.

Dessa forma, a construção da masculinidade está associada a um conjunto de ideias e práticas que identificam essa identidade à virilidade, à força e aos poderes advindos da própria constituição biológica sexual. Ser homem, culturalmente, é não ter medo, não chorar, não demonstrar sentimentos, arriscar-se diante do perigo, demonstrar coragem, ser ativo. Assim, a masculinidade é reconhecida socialmente com facilidade. Por outro lado, as noções de “masculinidade feminina” concebida por Judith/Jack Halberstam (2008) e de pessoas “agênero” (isto é, sem gênero estabelecido), retiram a masculinidade de seus “lugares” indicando um leque muito maior de maneiras de experienciar o gênero. A/O própria(o) Halberstam cria uma escala classificatória da masculinidade, definindo como dominante aquela que se converte na norma através de corpos heterossexuais brancos de classe média; masculinidade excessiva, a de corpos de negros, latinos e de classes trabalhadoras; e masculinidade insuficiente, a de corpos de asiáticos e de

pessoas da classe alta (estas duas últimas constituiriam masculinidades alternativas legadas à exclusão).

Nos contextos moçambicano e angolano, estudos sobre a homossexualidade ainda são escassos sendo que grande parte da informação existente sobre a mesma é produzida por organizações que se dedicam à defesa dos direitos homossexuais. Existem alguns estudos sobre a homossexualidade em Moçambique como os artigos “Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula”, de Brigitte Bagnol (1996) e “Homossexualidade e Direitos Humanos”, de Maria José Arthur (2004) e a monografia de Sheila Kátia Fernando Marta Saiete, intitulada “Construção e Gestão da Identidade Homossexual das Lésbicas em Moçambique” (2011).

Brigitte Bagnol, por exemplo, mostra no seu artigo que a homossexualidade em Moçambique vem sendo praticada há bastante tempo e que existem grupos sociais como de mineiros, prisioneiros, soldados e curandeiros, cujas práticas homoeróticas são muito frequentes. Segundo a autora, o longo e permanente convívio com indivíduos do mesmo sexo (mineiros, soldados e prisioneiros) pode justificar tais práticas, assim como, devido ao ofício, no caso dos curandeiros, que alegam ser possuídos por espíritos que os fazem se envolver com indivíduos do mesmo sexo. Contudo, manter-se no anonimato é característico dos indivíduos que alguma vez tiveram envolvimento homossexual.

Em Angola, a homossexualidade é um assunto pouco debatido tanto pela sociedade civil quanto pelas autoridades políticas. A legislação concernente à homossexualidade encontra-se sem atualização desde a independência, em 1975. O que se sabe é que o estado angolano herdou algumas leis do regime colonial português, entre as quais as que definiam a homossexualidade como ilegal e que a prática de tal ato devia ser punida como imoral, e de que, assim como em Moçambique, há relatos de práticas homossexuais em tempos antigos, como o que o historiador português, radicado em Angola, Antônio de Oliveira Cadornega, apresenta na sua *História Geral das Guerras Angolanas* (1681):

Há entre os gentios de Angola muita sodomia, tendo uns com os outros as suas imundícies e sujidades, vestindo como mulheres. Eles chamam pelo nome da terra: *quimbandas*, os quais, no distrito ou

terras onde os há, têm comunicação uns com os outros. E alguns deles são finos feiticeiros para terem tudo mau e todo o gentio os respeita e não os ofendem em coisa alguma. E se sucede morrer algum daquela quadilha, congregam-se os mais a lhe vir dar sepultura, e outro nenhum lhe bole, nem chega a ele, salvo os daquela negra e suja profissão. E quando o tiram de casa, para o enterrarem, não é pela porta principal, senão abrem porta por detrás da casa, por onde saem com ele fora, que como se serviu pela do quintal, querem que morto saia também por ela. Esta casta de gente é quem os amortalha e lhe dá sepultura. E não chega outro nenhum a ele como dissemos, que não seja da sua ralé. Andam sempre de barba raspada, que parecem capões, vestindo como mulheres (CADORNEGA, p. 259).

Apesar de não existir um enquadramento legal atualizado, e tais temas não serem abordados oficialmente, não existem provas documentais de que de fato a homossexualidade seja proibida ou de que outras penalidades estejam a ser aplicadas.

A socióloga Sheila Kátia Fernando Marta Saiete (2014) afirma que em Moçambique a homossexualidade já vem sendo apresentada e discutida pela imprensa, através de reportagens e debates, e ressalta que algumas organizações instaladas no país procuram defender os direitos dos homossexuais. Entretanto, há que considerar que no contexto moçambicano os homossexuais ainda sofrem estigma em algumas instituições da sociedade e, por essa razão, uma das estratégias mais comuns de preservação adotadas é a omissão da orientação sexual nesses determinados espaços de sociabilidade e em círculos de amizade.

Nas áreas de Antropologia e Sociologia encontram-se alguns trabalhos recentes sobre a masculinidade em Moçambique, como “Representações de masculinidade entre os jovens de Moçambique em tempos de SIDA”, de Laura Maria de Aguiar Laforte, de 2007 (Dissertação de Mestrado, UFRGS); “Masculinidade, sexualidade e HIV/SIDA em Moçambique (a desconstrução do masculino)”, de Manuel Macia e Patricio V. Longa (Faculdade de Letras e Ciências Sociais – FLCS, de Coimbra, Portugal); “Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo”, de Sofia Aboim (Universidade de Lisboa) e “A construção sociocultural de gênero e raça em Moçambique: continuidades e rupturas nos períodos colonial e pós-colonial”, de Ana Luisa Teixeira (Centro de Estudos Africanos – ISCTE). A questão de investigação pretende se debruçar na produção ficcional africana de língua

oficial portuguesa (nesta 1ª. fase, as moçambicana e angolana) na expectativa de encontrar possíveis contribuições para o rompimento de perspectivas dualistas de gênero (masculino x feminino). O levantamento inicial envolve as produções dos escritores Mia Couto e Fragata de Moraes, e a análise será centrada numa perspectiva comparativista. Os textos literários que serviram de suporte para a discussão proposta foram: “Os machos lacrimosos”, conto publicado em *O fio das missangas*, em 2003 e os romances *O último voo do flamingo*, publicado no ano 2000, e *Terra sonâmbula*, publicado em 1992, todos de autoria do escritor moçambicano Mia Couto, e o conto “Traição”, do escritor angolano Fragata de Moraes.

No primeiro caso, a narrativa retrata o encontro de homens em um bar, o Matakuané, para beber e contar histórias. As reuniões eram constantes e longas, o que deixavam as esposas deles incomodadas: “Para elas, aquela cumplicidade masculina era coisa de tribo. Reminiscência atávica”. Mas eles não se importavam e mantinham o ritual. Até que numa noite, um deles, Luisinho Kapa-Kapa, ao trazer uma notícia triste, desandou a chorar. Aquilo nunca havia acontecido antes. Como o próprio narrador afirma, aquelas reuniões eram para “festejar a vida”, regadas a muitas risadas. Além disso, chorar “era coisa de maricas”, lembra ele. Mas o drama e as lágrimas de Kapa-Kapa contagiaram a todos, até o dono do bar:

E foi sucedendo uma e outra noite. Uma e outra rodada de tristeza. Os baristas de Matakuané foram deixando a piada e o riso. E passaram a partilhar lamentos, soluços e lágrimas. E até Silvestre Estalone, o mais macho e sorumbático da tribo, acabou confessando: - Nunca eu pude imaginar, malta. Mas como é bom chorar! Chorar, mas chorar junto, acrescentaram os outros. E até um se lembrou de propor uma associação de choradores. Pudessem mesmo substituir as profissionais carpideiras dos velórios. Mas os restantes se opuseram, firmes. Afinal, ainda restava neles o fundo preconceito macho de que lágrima pública é coisa para o mulherio. (COUTO, 2009)

Essa situação possibilitou uma mudança no comportamento desses homens que aos poucos se revelaram mais delicados e atenciosos às suas mulheres. A quantidade de bebida consumida e a duração das reuniões, inclusive, foram mais controladas. O narrador finaliza o conto mostrando que a tristeza se torna condição essencial do próprio pensamento, pois a partir dela

os personagens refletem sobre suas identidades (ser homem, por exemplo) e sobre seus mundos:

Hoje quem passa pelo bar de Matakuané pode certificar: chorar é um abrir do peito. O pranto é o consumir de duas viagens: da lágrima para a luz e do homem para uma maior humanidade. Afinal, a pessoa não vem à luz logo em pranto? O choro não é a nossa primeira voz? E é o que, por outras palavras, sentencia Kapa-Kapa: a solução do mundo é termos mais do nosso ser. E a lágrima nos lembra: nós, mais que tudo, não somos água? (COUTO, 2009)

Quando Luizinho Kapa-Kapa conta aquela história triste e começa a chorar contagiando a todos, eles descobrem um prazer que não conheciam: o prazer de chorar. Mas não isoladamente, o prazer de chorar juntos, num ritual coletivo. A partir daí todos se tornam melhores do que eram: preocupam-se com a própria família, preocupam-se com as suas mulheres.

No romance *O último voo do flamingo*, a discussão sobre masculinidade dá-se através do personagem Sulplício, quando relata ao filho uma experiência da sua juventude que o marcou profundamente: presenciar pela primeira vez uma caçada aos flamingos. Para sua cultura, matar flamingos era um prova de masculinidade, pois sua carga de crueldade ensinava-os a tornarem-se homens. Mas ele reprovava aquela atitude. Assistiu à morte do pássaro com tristeza:

Nas mãos de meu irmão, o pau cumpria o mandato, o bicho se derradeirava. Aquele golpe se anichava em minha alma. O pássaro morria em mim. O pior, contudo, ainda estava por vir. À noite, eu era obrigado a comer aquela carne. Meu pai achava que me faltava dureza, prontidão de matar. Devia então comer aquele destroço. Para ser homem. (COUTO, 2005, p. 187)

Sulplício teve que fingir que mastigava a carne do animal, mesmo recusando-se, para não apanhar mais do pai. Sentiu tanto ódio dele que o amaldiçoou. O pai acabou morrendo naquela mesma noite. O tio, que também estava naquela caçada, passou a persegui-lo, culpando-o pela tal morte. Ele começou a insinuar que Sulplício tinha um comportamento afeminado, o que diminuía sua estima, já que ser associado ao feminino era extremamente ofensivo para um homem. O trauma só foi aparentemente superado quando Sulplício conheceu a mulher que mais tarde se tornaria sua esposa. Entretanto,

em outro trecho do romance, quando o narrador-personagem abraça o pai “com aperto e demora”, ele aos poucos vai afastando-se do filho com o braço porque “não queria mostrar fraqueza perante os outros”. (COUTO, 2005, p. 199)

Em *Terra sonâmbula*, a cena em que o velho Tuahir manipula o órgão genital do menino Muidinga, masturbando-o, funciona como um ritual de reafirmação/ consolidação da masculinidade hegemônica centrada no falo e estimulada pelo desejo sexual pelo gênero oposto, pois enquanto metia as mãos entre as virilhas do rapaz e aos poucos ia desapertando a braguilha de sua roupa pedia que o garoto pensasse em meninas. Muidinga, inicialmente, sentiu-se desconfortável, chegou a alegar que não conseguirá, mas com a insistência do velho Tuahir, ele aos poucos consegue.

Finalmente, no conto “Traição”, do escritor angolano Fragata de Moraes, o narrador apresenta de fato uma relação sexual entre homens adultos, diferentemente dos textos anteriores. A história gira em torno da amizade entre Felisberto Matias, oficial das forças armadas, e Osmar Martins, piloto aviador, amigos desde a infância. Felisberto era casado com Benilde, cujo casamento não ia bem fazia algum tempo, principalmente porque ele já não cumpria suas obrigações conjugais, o que deixava a esposa muito triste e irritada:

O marido há mais de cinco meses que se mantinha alheio às obrigações conjugais. Chegando o momento, a bazuca, como ele em tempos idos tão apropriadamente chamava ao apêndice, não mais disparava porque amorfo. A mulher bem tentava todas as táticas que nos anos da recruta nupcial ele lhe ensinara, incluindo o “avanço por fileiras”, mas sem resultado. Felisberto, o famoso bazuqueiro, não conseguia lançar um simples petardo carnavalesco. Ele próprio não se explicava. Abatido, ficava a olhar o penduricalho na mão da mulher, que, desalentada, acabava por lhe dar as costas e, em grosso suspiro, adormecia. (MORAIS, 2009, p. 60)

Osmar, por outro lado, não era casado. Para ele, mulher era motivo de problemas. Benilde, não concordando com a opinião dele, esperava que o marido fosse solidário em sua defesa. Mas Felisberto manteve-se omissivo. Osmar percebia uma insegurança no casal já há algum tempo e passou a fazer insinuações ao amigo, que aumentavam cada vez mais na medida em que encontrava brecha para tal:

Felisberto não conseguia concentrar-se na conversa. Lutava para afastar o seu joelho do amigo, todavia sentia-se paralisado e, mais uma vez, com aquela sensação de prazer a invadi-lo por completo. Até conseguiu uma ereção. Atordoado, deu um pulo da cadeira, o que a todos assustou. (MORAIS, 2009, p. 64)

Aos poucos, Felisberto foi cedendo às investidas do amigo, o que, inclusive, despertou seu desejo sexual adormecido:

Ao cair da noite, regressaram, jantaram, beberam o resto da garrafa do bom vinho alentejano e, ao deitarem-se, Benilde foi agradavelmente surpreendida por uma investida das forças armadas, em gloriosa carga da artilharia ligeira, incluindo o tão almejado “avanço por fileiras”, repetido várias vezes. Horas largas depois, meio adormecida e exausta, abraçada ao marido que já ressonava os alentejanos vapores etílicos, ainda se ouviu a ciciar. (MORAIS, 2009, p. 66)

Duas semanas depois, Benilde partiu para a África do Sul, feliz com o marido que desde aquela noite, manteve-se cumprindo regularmente suas obrigações conjugais. Entretanto, ela não poderia imaginar que ao regressar fosse encontrar seu marido nos braços do amigo Osmar na cama do casal. Transtornada, Benilde pega a pistola do marido que estava na mesa e atira nos dois, matando-os.

Importante ressaltar que no mundo ocidental, as relações homossexuais eram consideradas relativamente normais entre os homens no período da Antiguidade Clássica. Para os gregos, por exemplo, a afeição e o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo possuía um caráter didático/iniciático, como ilustra os diálogos platônicos de *O Banquete*. A atração erótica entre um homem mais velho e seu pupilo era encarada de forma normal pela sociedade. Michel Foucault, em *História da Sexualidade*, relata que naquela época: “amar os rapazes era prática livre [...] não só permitida pelas leis, mas admitida pela sociedade [...] Mais ainda, encontrava sólido apoio em diferentes instituições (militares ou pedagógicas), era uma prática culturalmente valorizada”. (FOUCAULT, 1984)

Na Idade Média, com grande influência do Cristianismo, a sexualidade passou a ser controlada, com exclusão total do prazer e do erotismo. Nessa época, o termo homossexualidade era desconhecido. Entre os séculos XVI e XVIII a situação sobre a homossexualidade prevalece e, somente a partir do

século XIX, a mesma desperta interesse de alguns estudiosos europeus. Na segunda metade deste século, a homossexualidade foi aprisionada pelos discursos médico, jurídico e religioso, respectivamente como doença, crime e pecado. Isso resultou num pânico homossexual reafirmado por uma rígida distinção entre amor e amizade e um controle feroz em instituições onde havia a presença exclusiva de pessoas de um mesmo sexo, sobretudo internatos, ordens religiosas e nas forças armadas. É nessa época que surge o termo homossexual, criado pelo médico húngaro Karól Benkert, em 1869, para designar aqueles que sentem atração por outro indivíduo do mesmo sexo.

O século XX inicialmente reservou ao homossexual a segregação social e moral, além da violência praticada por grupos que se declaravam contra essas práticas. A partir da década de 1980, com o avanço da AIDS, doença inicialmente identificada quase que exclusivamente com a população LGBT (muitas vezes referida como a “peste gay”), a homossexualidade ganhou visibilidade. Posteriormente, no mesmo século surgiram os movimentos de defesa e luta das minorias sexuais. Entre 1990 e 2000, muitos países, principalmente na Europa, aprovam legislação que protege os homossexuais. Contudo, ainda assim, a homossexualidade não é igualmente aceita em todos os contextos e mesmo em países em que ela é legalmente permitida, ainda há registro de violência, preconceito e estigma em relação a este grupo sexual minoritário. (WEEKS, 1999)

Para finalizar essas primeiras considerações sobre a questão-problema e o corpus de análise, pode-se concluir que a literatura, enquanto produto sociocultural permite ser utilizada no processo de domesticação dos corpos baseado no binarismo de gênero (masculino x feminino), mas também acompanha as mudanças terminológicas/ conceituais oriundas de recentes debates que questionam e/ou refutam tais nomenclaturas durante muito tempo consideradas hegemônicas, como faz Judith/ Jack Halberstam, ao trazer, por exemplo, o conceito de masculinidade feminina. Através do levantamento e análise inicial da produção dos escritores Mia Couto e Fragata de Morais, percebe-se, na dissociação de características culturalmente associadas ao masculino e ao feminino, uma possibilidade de rever tal binarismo, ao conceber a identidade como um processo cambiante e fluido.

Referências:

ARTHUR, Maria José. Homossexualidade e Direitos Humanos. Maputo: **Revista Outras Vozes**, nº 6, Fevereiro de 2004.

BAGNOL, Brigitte. Diagnóstico da orientação sexual em Maputo e Nampula. Maputo: Embaixada do Reino dos Países Baixos, 1996.

CADORNEGA, Antônio de Oliveira. **História geral das guerras angolanas** (1681), Lisboa, Agência Geral das Colônias, 1942, p. 259.

COUTO, Mia. Machos lacrimosos. In: _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras.

COUTO, Mia. **O último voo dos flamingos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HALBERSTAM, Judith. Uma introducción a la masculinidad femenina. Masculinidad sin hombres. In: HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad Femenina**. Tradução: Javier Sáez. Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008. p. 23-66.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MORAIS, Fragata de. Traição. In: ALMEIDA, Domingas de (org.). **Como se viver fosse assim: antologia do conto angolano**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009. p. 59-66.

MOTT, Luiz. Raízes históricas da homossexualidade no Atlântico lusófono negro. Disponível em <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Raizes-historicas-da-homossexualidade-no-Atlantico-lusofono-negro.pdf>
Acesso: 30 set. 2014.

SAIETE, Sheila Kátia Fernando Marta. **Construção e Gestão da Identidade Homossexual das Lésbicas em Moçambique**. Moçambique: Universidade Eduardo Mondlane. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em

[http://www.lambdamoz.org/index.php/doc_download/23-construcao-e-gestao-da-identidade-homossexual-das-lesbicas-em-mocambique.](http://www.lambdamoz.org/index.php/doc_download/23-construcao-e-gestao-da-identidade-homossexual-das-lesbicas-em-mocambique)

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 35-82.